

## ***Scrambling de Média Distância com Advérbios Locativos no Português Contemporâneo***

*João Costa\* e Ana Maria Martins\*\**

\*Universidade Nova de Lisboa e \*\*Universidade de Lisboa

### **Abstract**

This paper describes the preposing of locative adverbs in Contemporary European Portuguese showing that it is restricted to ‘proclitic environments’ (although locatives are not clitics). It is argued that locative preposing is an instance of middle scrambling as found in Germanic, understood as movement to Spec,TP. The restrictions to its occurrence are explained as a consequence of a general restriction on the licensing of the functional category  $\Sigma$ , in an extension of previous work on clitics. Some ideas on the interface between syntax and aspect are put forward in order to explain what singles out locative adverbs in allowing middle scrambling.

**Keywords:** Adverb, Locative, Scrambling, Clitic, Restructuring

**Palavras-chave:** Advérbio, Locativo, Scrambling, Clítico, Reestruturação

### **1. Introdução**

No Português Europeu (PE) contemporâneo, há *scrambling* de curta distância (Costa, 1998), como talvez nas línguas em geral (Takano, 1998). Esta possibilidade, que consiste num movimento do objecto interno ao VP, encontra-se ilustrada em (1b), em que se atesta a ordem Obj-Adv, que, segundo Costa (1998), é derivada através de movimento do complemento para a esquerda do advérbio.

- (1) a. O João fala bem francês  
b. O João fala *francês* bem. (*scrambling*)

No PE antigo havia *scrambling* de média distância, como em todas as línguas românicas medievais (Martins, 2002; 2005). Nesta construção do português antigo, o constituinte afectado por *scrambling* precede o verbo, ocupando tipicamente uma posição entre o sujeito e o verbo, conforme ilustrado em (2b):

- (2) a. E se pela vêtuirã vos alguẽ enbargar a dita vã  
b. E se pela vêtuirã vos alguẽ *a dita vã* enbargar. (*scrambling*)

Actualmente, a família românica contrasta, aparentemente, com outras famílias de línguas indoeuropeias (por ex, a família germânica) por nenhum dos seus membros admitir *scrambling* de média distância. Em (3), apresentam-se alguns exemplos de *scrambling* de média distância em alemão e holandês, mostrando-se as contrapartidas agramaticais em PE contemporâneo:

- (3) a. ..daß einander<sub>i</sub> die beiden<sub>i</sub> immer noch lieben. (Alemão)  
 que um ao outro-AC os dois-NOM ainda amam  
 ‘..que os dois ainda se amam um ao outro.’  
 Exemplo de Grewendorf & Sabel (1999:7)
- a’. \*..que *um ao outro* os dois ainda se amam. (PE)  
 a’’. \*..que os dois *um ao outro* ainda se amam. (PE)
- b. ..dat Jan een meisje gisteren gekust heeft. (Holandês)  
 que J. uma menina ontem beijado tem  
 ‘... que o Jan ontem beijou uma rapariga.’  
 Exemplo de Zwart (1996:91)
- b’. \*..que o João *uma rapariga* ontem beijou. (PE)

Propomos neste artigo que o *scrambling* de média distância (SMD) não está completamente perdido nas línguas românicas. Defendemos que esta operação, entendida como movimento para Spec,TP, tal como proposto em Chomsky (1994) e Grewendorf e Sabel (1999), se encontra disponível em PE contemporâneo, mas limitada aos advérbios locativos do tipo de *aqui, aí, ali, cá, lá* ou a PPs que os contêm. O par de frases em (4) permite ilustrar a construção de SMD em PE contemporâneo. Em (4a), observa-se o advérbio *lá* na sua posição de base (neste caso, como complemento do verbo), enquanto em (4b) é possível observar o advérbio na posição entre sujeito e verbo, ou seja, movido por *scrambling* de média distância<sup>1</sup>.

- (4) a. Ele não sabe que eu vou *lá* amanhã.  
 b. Ele não sabe que eu *lá* vou amanhã.

Para que seja possível obter dados comparáveis, não afectados por diferenças superficiais entre os advérbios relevantes (ou laterais ao tópico em discussão), todos os exemplos do artigo serão construídos com *lá*.

Importa esclarecer que nos ocuparemos apenas do advérbio *lá* de valor puramente locativo, desconsiderando o *lá* enfático/afectivo que ocorre invariavelmente em posição pré-verbal (Martins, 1994) – excepto se houver movimento do verbo para além de T (*Telefona lá!*). Esta instância de *lá* encontra-se ilustrada em (5) e (6). Como se pode

<sup>1</sup> Como se tornará claro na discussão, o facto de, em português europeu, o sujeito pré-verbal, não estar em Spec,TP, justifica que o constituinte afectado por *scrambling* ocorra à direita do sujeito, e não à sua esquerda como acontece nas línguas germânicas.

observar nestes exemplos, a sua posição é sempre pré-verbal, contrastando com a posição variável dos advérbios locativos exemplificada em (4)<sup>2</sup>.

- (5) [A] a. Como é que está a Maria?  
 [B] b. Lá está.  
 c. #Está lá.

- (6) a. A Maria lá telefonou.  
 b. \*A Maria telefonou lá.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: na secção 2, descrevemos a distribuição pré- e pós-verbal dos advérbios locativos; na secção 3, propomos a derivação da posição pré-verbal como o resultado da aplicação de SMD e mostramos como esta análise deriva os dados básicos descritos na secção 2; na secção 4, testamos algumas predições adicionais feitas pela análise proposta, relativamente a domínios funcionais defectivos, em particular relativamente a contextos não finitos de reestruturação; na secção 5, apresentamos uma proposta para a ordem relativa entre os locativos e a negação frásica; na secção 6, avançam-se algumas ideias sobre os motivos pelos quais o SMD se encontra restrito a este tipo de locativos. Na secção 7, apresentam-se as conclusões do artigo.

## 2. A posição do locativo *lá* na frase (posição pós-verbal vs. posição pré-verbal)

Mostramos nesta secção que existe sobreposição entre os contextos em que o locativo *lá* pode ser pré-verbal e os contextos de próclise para os clíticos em PE.

O locativo *lá* ocorre em posição pós-verbal nos contextos sintácticos em que os pronomes clíticos são enclíticos, mas pode antepor-se ao verbo nos contextos em que os pronomes clíticos são proclíticos (Castro e Costa, 2002). Vemos em (7) que os desencadeadores de próclise *já* e *nunca* legitimam a posição pré-verbal do locativo e que a sua ausência, em (8), impede a posição pré-verbal para o locativo. Uma diferença óbvia entre SMD e próclise é que, ao contrário desta, o SMD não é obrigatório:

---

<sup>2</sup> Os exemplos que discutimos distinguem-se também de casos de anteposição contrastiva de advérbios. As frases que se seguem foram apontadas por um avaliador do artigo. Consideramos que nelas o locativo é um foco contrastivo anteposto.

- (1) A: Vais à festa do Rui?  
 B: Lá estarei.  
 (2) Vim de Angola em pequeno, mas os meus irmãos por lá ficaram.  
 (3) Se procurares bem, lá encontrarás o tesouro.

Para a distinção entre os vários casos, é importante o estabelecimento de contrastes com a posição pós-verbal do locativo. No que diz respeito à distinção entre locativos topicalizados e locativos focalizados contrastivamente, veja-se Martins (no prelo). Embora uns e outros ocorram em posição pré-verbal, só os segundos são proclisadores.

- (7) a. Eu nunca/já estive *lá*.  
 b. Eu nunca/já *lá* estive.  
 (8) a. Eu estive *lá*.  
 b. \*Eu *lá* estive.

Uma segunda propriedade a observar na distribuição do advérbio locativo é o facto de, nos contextos em que o locativo *lá* se antepõe ao verbo, haver obrigatoriamente adjacência entre *lá* e o verbo (só um clítico pode interromper essa adjacência):

- (9) a. Ela diz que *lá* vai amanhã.  
 b. Ela diz que nunca/amanhã *lá* vai.  
 c. \*Ela diz que *lá* nunca vai.  
 d. \*Ela diz que *lá* amanhã vai.

Note-se que factos idênticos aos exemplificados em (8) e (9) se registam quando *lá* é parte de um PP. A anteposição de *lá* não é, portanto, uma instância de movimento de núcleo, ao contrário do que foi sugerido em Castro e Costa (2002)<sup>3</sup>:

- (10) a. A Maria nunca *para lá* telefona.  
 b. \*A Maria *para lá* telefonou.  
 c. Todos *de lá* vieram doentes.  
 d. \*A Maria *de lá* veio doente.

Importa notar que a agramaticalidade das frases (10b,d) é robusta, contrastando com casos em que PPs podem ocorrer pré-verbalmente, desde que tenham valor enfático ou contrastivo, casos que se aproximam dos descritos em (5).

Em suma, há três propriedades básicas a derivar:

- i) O locativo pode ser pré-verbal em contextos semelhantes aos da próclise;
- ii) O locativo e o verbo encontram-se em adjacência;
- iii) O locativo é um XP.

Na próxima secção, apresentamos uma proposta de análise para a anteposição de locativos como *lá* que permite dar conta destas propriedades.

### 3. A anteposição de *lá* como resultado de *scrambling* de média distância

Propomos que a anteposição de *lá* é um caso de *scrambling* de média distância, entendido como movimento para Spec,TP, na esteira de propostas sobre SMD como as

<sup>3</sup> Outros exemplos:

- (i) Há duas semanas, num exercício que define a inteligência da tribo e a cultura de rapina que *por lá* abunda... (João Pereira Coutinho, *Expresso/Única*, 18/10/2008)
- (ii) Todos os dias se *para lá* ia achar túbara (CORDIAL-SIN, Lavre)
- (iii) Há muitos rapazes que *para lá* vão trabalhar (CORDIAL-SIN, Lavre)

de Chomsky (1994), Grewendorf e Sabel (1999), Miyagawa (1997; 2001), Baylin (2004), entre outros.

A análise da anteposição de *lá* como resultante de SMD imediatamente deriva duas das suas propriedades básicas descritas na secção anterior<sup>4</sup>. Por um lado, estando o locativo em Spec,TP e o verbo em T, o locativo e o verbo ficam necessariamente adjacentes. Apenas adjuntos ao nível X<sup>o</sup> (como os pronomes clíticos) poderão interromper esta adjacência. Por outro lado, assumindo-se que o movimento do locativo tem como alvo uma posição de especificador, é predito que o constituinte afectado por SMD seja um XP e não um núcleo.

Fica apenas por explicar a correlação entre a anteposição de *lá* e os contextos de próclise. Por outras palavras, importa encontrar uma resposta para a seguinte questão: por que é o movimento de *lá* para Spec,TP bloqueado em certos contextos sintácticos, concretamente aqueles em que ocorre a ênclise e não é possível a próclise? Para resolver este problema, assumiremos uma hipótese defendida em trabalho anterior sobre a sintaxe dos clíticos em português europeu.

Em Costa e Martins (2003; 2004), propusemos que o núcleo funcional  $\Sigma$  (Laka, 1990; Martins, 1994), que expressa/codifica polaridade e domina imediatamente TP, é legitimado no português por *merger* (sintáctico ou morfológico) com um núcleo com conteúdo fonológico de modo a satisfazer um requisito de visibilidade em PF. Este requisito de visibilidade pode ser satisfeito ou através de movimento do verbo, ou da geração de um constituinte nesta posição na componente sintáctica, ou através da fusão com outro núcleo na componente morfológica.

Nos contextos de próclise,  $\Sigma$  é legitimado, através de *merger* sintáctico, por um elemento (com conteúdo fonológico) que entra no seu domínio ou num domínio mais alto; nos contextos de ênclise, junta-se ao verbo através de *merger* morfológico, especificamente através de *local dislocation merger*, uma operação pós-sintáctica que actua sob adjacência estrita (Embick & Noyer, 2001).

Tal como os pronomes clíticos, os locativos movidos para Spec,TP bloqueiam a adjacência entre o núcleo funcional  $\Sigma$  (com o traço [+af]) e o verbo. Nos contextos em que  $\Sigma$  é legitimado na componente pós-sintáctica através de *merger* morfológico com o verbo, isto é, nos contextos típicos da ênclise, a anteposição do locativo gera pois agramaticalidade (do mesmo modo que a próclise a gera) por impedir a legitimação de  $\Sigma$ . Assim se explica a agramaticalidade das frases (8b), (10b) e (10d) acima.

$$(11) * [\Sigma_P (\text{Suj}_{\text{sem traços de polaridade}}) [\Sigma_{[+af]} [\text{TP } \mathbf{loc} [(cl) [V+T]]] \dots$$

Os exemplos (12)-(13) tornam claro o paralelismo entre a obrigatoriedade da ênclise e a impossibilidade de mover *lá* por scrambling de média distância:

<sup>4</sup> Sendo *scrambling* uma operação sintáctica tipicamente associada a efeitos discursivos de “desfocalização”, no sentido de Reinhart (1995), espera-se que, sendo a posição destes locativos derivada por *scrambling*, haja efeitos discursivos associados, o que se verifica:

- (i) A: Onde é que o Pedro disse que ia?  
 B: O Pedro disse que ia *lá*.  
 #O Pedro disse que *lá* ia.

- (12) a. A Maria telefonou-*me*.  
 b. \*A Maria *me* telefonou.  
 (13) a. A Maria telefonou *de lá*.  
 b. \*A Maria *de lá* telefonou.

Em (12b), a presença do clítico *me* entre  $\Sigma_{[+af]}$  e o verbo impede a relação de adjacência necessária para que se verifique *merger* morfológico. Assim, torna-se necessário recorrer a *local dislocation merger, com inversão*, que coloca o clítico em posição pós-verbal e legitima a operação de legitimação de  $\Sigma_{[+af]}$ . No caso de (13), a derivação em (13b) é impossível porque o *scrambling* do PP *de lá* para Spec,TP colocaria este constituinte numa posição em que, tal como o clítico em (12b), bloquearia a relação de adjacência entre  $\Sigma_{[+af]}$  e o verbo, impedindo a legitimação daquela categoria na componente morfológica. Assim, o movimento é bloqueado, sendo apenas legítima a estrutura em (13a), em que SMD não ocorre<sup>5</sup>.

Importa clarificar que assumimos, quanto à posição do sujeito, que no PE a posição canónica do sujeito pré-verbal é Spec, $\Sigma$ P e não Spec,TP (Martins, 1994; Costa e Martins, 2003; Cardinalletti, 1997; 2004; Alexiadou & Anagnostopoulou, 1998; Bailyn, 2004). Assim, prevê-se que o sujeito e o verbo não se encontrem, nesta língua, em adjacência estrita, como é, aliás, confirmado pela distribuição de advérbios (cf. Costa, 1998; 2004).

#### 4. Evidência empírica adicional: infinitivas de reestruturação e infinitivas ‘plenas’

A análise que propusemos na secção anterior estabelece uma correlação bastante clara entre a possibilidade de anteposição de *lá* e os requisitos estruturais para a legitimação da categoria funcional  $\Sigma$ . Nesta medida, a análise torna-se falsificável, uma vez que se prevê que haja uma dependência entre os domínios em que  $\Sigma$  desempenha um papel crucial e os domínios em que se observam restrições à anteposição de *lá*. Nesta secção, apresentamos as infinitivas de reestruturação como um domínio empírico adicional em que é possível testar a correlação entre a análise proposta para locativos pré-verbais e a legitimação de  $\Sigma$ .

O raciocínio subjacente a esta secção é o seguinte: se se identificarem estruturas que não integrem a categoria funcional  $\Sigma$ , a anteposição de *lá* para Spec,TP será livre, dado que SMD só é bloqueado quando impede a legitimação de  $\Sigma$ . Por outras palavras, se a restrição à ocorrência de SMD é a legitimação de  $\Sigma$ , na ausência desta categoria não haverá impedimento a SMD.

Martins (1995; 2000) propõe que as infinitivas de reestruturação são domínios defectivos que não incluem o núcleo funcional  $\Sigma$ . Um dos argumentos de Martins (1995; 2000) para esta proposta é, por exemplo, o facto de as infinitivas de reestruturação não poderem incluir o marcador de negação, que é legitimado em  $\Sigma$ . De acordo com a análise acima apresentada, espera-se, portanto, que nas infinitivas de

<sup>5</sup> Diferentemente do que acontece com os pronomes clíticos, o movimento dos advérbios locativos para o domínio de T é opcional. Por isso, não é necessária a aplicação de qualquer operação de último recurso quando estão em causa os advérbios locativos.

reestruturação a anteposição de *lá* para Spec,TP seja livre. Assim acontece de facto, como se vê em (14a), onde a infinitiva depende do verbo de reestruturação *querer*.

Também de acordo com o que se espera, a anteposição de *lá* não é livre quando a oração infinitiva depende de um verbo que não permite a reestruturação, como o verbo *lamentar* em (14b), pois neste caso a oração infinitiva não é um domínio funcionalmente defectivo<sup>6</sup>.

Os exemplos (14c-d) mostram adicionalmente que, mesmo em estruturas com um verbo de reestruturação (como *querer*), a anteposição de *lá* por SMD só é livre quando a reestruturação ocorre efectivamente – a cliticização no interior da oração infinitiva mostra que não há reestruturação em (14c); a subida do clítico em (14d) mostra, pelo contrário, que há reestruturação, o que torna possível a anteposição de *lá* por SMD.

- (14) a. Ela quer (sempre) *lá* ir. (SMD)  
 b. \*Eu lamento *lá* trabalhar.  
 c. \*Eu não quero *lá* encontrar-te amanhã.  
 d. Eu não te quero *lá* encontrar amanhã. (SMD)

A defectividade das infinitivas de reestruturação vai para além da ausência de  $\Sigma$  e estrutura funcional mais alta. De facto, Gonçalves (1999) mostra que a categoria funcional T é defectiva nas infinitivas de reestruturação. Por isso, não podem conter clíticos nem exprimir a negação ou um valor temporal não dependente do tempo da matriz. A defectividade de T nas infinitivas de reestruturação pode explicar o paralelismo entre *lá* e os pronomes clíticos no que diz respeito à possibilidade de subirem para o domínio matriz a partir do domínio infinitivo. Em (15a), o locativo *lá* move-se para Spec,TP da matriz; em (16a), essa opção é bloqueada porque o verbo matriz, *lamentar*, não permite a reestruturação.

- (15) a. Ela nunca *lá* quer ir. (SMD / subida de *lá*)  
 b. Ela nunca quer ir *lá*.  
 (16) a. \*Ela nunca *lá* lamentou trabalhar.  
 b. Ela nunca lamentou trabalhar *lá*.

Factos semelhantes aos que se observam em português relativamente aos locativos do tipo de *lá* documentam-se no alemão quando ocorre SMD (não limitado aos locativos). Os exemplos em (17) e (18), retirados de Grewendorf e Sabel (1999:36), mostram que também no alemão um constituinte movido por SMD pode alcançar o domínio matriz a partir do domínio infinitivo, mas só se houver reestruturação (o verbo *versuchen* ‘tentar’ é um verbo de reestruturação, enquanto o verbo *behaupten*

<sup>6</sup> Um avaliador anónimo chama a nossa atenção para o facto de ser possível uma frase como *Espero lá ir amanhã*, não sendo o verbo “esperar” um verbo de reestruturação. Na verdade, este verbo admite marginalmente subida de clítico, como em *Não te esperava ver tão cedo aqui*, pelo que não é surpreendente que admita anteposição do locativo.

‘pretender’ não admite a reestruturação). Assim, a comparação com o alemão confirma que a anteposição de *lá* no português é SMD, na medida em que os contextos que legitimam e bloqueiam SMD em alemão são os mesmos que legitimam e bloqueiam anteposição de *lá* em PE.

- (17) a. daß jemand [PRO die Frau zu heiraten] versuchte  
 que alguém<sub>nom</sub> a mulher<sub>ac</sub> prep casar tentou  
 b. daß die Frau jemand [PRO t zu heiraten] versucht (SMD)  
 que a mulher<sub>ac</sub> alguém<sub>nom</sub> prep casar tentou  
 ‘Alguém tentou casar a mulher’
- (18) a. daß jemand [PRO die Frau zu heiraten] behauptete  
 que alguém<sub>nom</sub> a mulher<sub>ac</sub> prep casar pretendeu  
 b. \*daß die Frau jemand [PRO t zu heiraten] behauptete  
 que a mulher<sub>ac</sub> alguém<sub>nom</sub> prep casar pretendeu  
 ‘Alguém pretendeu casar a mulher’

### 5. Anteposição de *lá* em frases negativas com *não*

Até aqui, a nossa análise parece prever uma sobreposição total entre os contextos de anteposição de *lá* e os contextos de próclise. Já vimos, no entanto, que seria indesejável reduzir SMD a cliticização ou vice-versa, porque SMD afecta XPs e é opcional. Além disso, na verdade, a sobreposição de contextos não é total. Embora seja um proclisador, o marcador de negação predicativa é incompatível com a anteposição dos locativos, um facto aparentemente inesperado e que a nossa análise terá que ser capaz de acomodar<sup>7</sup>.

- (19) a. \*Eu hoje não *lá* estive.  
 b. \*Eu hoje *lá* não estive.  
 c. Eu hoje não estive *lá*.

Face aos dados apresentados em (19), propomos, inspirando-nos em Matos (1999), que o marcador de negação predicativa (*não*) é um adjunto a T na sintaxe e que, tal como o verbo, se situa a  $\Sigma$  na compoção sintáctica (excepto quando é independentemente legitimado). Assim, o locativo anteposto bloqueia fatalmente a adjacência entre  $\Sigma_{[+neg]}$  e *não*, exactamente como acontece na situação em que  $\Sigma_{[+af]}$  tem que unir-se ao verbo.

Em (20) mostra-se o paralelismo existente entre a estrutura das frases afirmativas e a estrutura das frases negativas, no que diz respeito à relação entre  $\Sigma$  e o elemento capaz de lhe dar visibilidade (i.e., o verbo nas frases afirmativas e *não* nas frases negativas). Fica claro que um locativo anteposto bloqueia similarmente, nos dois casos, a legitimação de  $\Sigma$  por *merger* morfológico.

<sup>7</sup> Note-se que, se supusermos que *não* é gerado em  $\Sigma$ , o próprio marcador de negação predicativa legitimará a categoria funcional, não sendo necessário recorrer a *merger* morfológico para a sua legitimação.



- (20) a. \*  $[\Sigma_P (\text{Suj}_{\text{sem traços de polaridade}}) [\Sigma_{[+neg]} [\text{TP } \text{loc } [\text{não} [(\text{cl}) [\text{V+T}]]] \dots$   
 b. \*  $[\Sigma_P (\text{Suj}_{\text{sem traços de polaridade}}) [\Sigma_{[+af]} [\text{TP } \text{loc } [(\text{cl}) [\text{V+T}]]] \dots$

Note-se, por fim, que frases como (21a), em que *lá* é anteposto numa frase negativa, não são problemáticas para a análise porque em (21a)  $[\Sigma_{[+neg]}$  é independentemente legitimado (em PF) por *ainda*, tal como acontece com  $\Sigma_{[+af]}$  em (21b).

- (21) a. Ainda *lá* não te vi.  
 b. Ainda *lá* te vi.

## 6. O que têm de particular os locativos do tipo de *lá*?

Importa, finalmente, tentar entender por que motivo apenas os locativos como *lá* podem ser movidos para Spec,TP. Como se pode ver nos exemplos (22) e (23), outros locativos não são afectados por SMD, resistindo à posição entre um desencadeador de próclise (como *já*) e o verbo:

- (22) a. O Pedro já *para lá* vai.  
 b. \*O Pedro já *para Lisboa* vai.  
 c. \*O Pedro já *longe* vai.

- (23) a. \*O Pedro já *lá a casa* vai.  
 b. O Pedro já *lá vai a casa*.

Defendemos que a propriedade que individualiza os locativos que participam neste tipo de construção é o facto de denotarem uma localização identificada relativamente à localização do falante no tempo da enunciação (e não no tempo da asserção ou do evento), conforme mostra (24).

- (24) Ontem ele esteve *lá* comigo.

Para se entender o que há de especial na relação entre SMD e os locativos como *lá*, interessa-nos lembrar que SMD é movimento para Spec,TP. Ora os locativos como *lá* e Tempo têm em comum algumas propriedades nucleares que importa destacar.

Em primeiro lugar, quer Tempo quer os locativos como *lá* são deícticos ancorados no falante e na enunciação (cf. Levinson, 2004; entre outros). Além disso, é possível mostrar que estes locativos têm, à semelhança da categoria funcional Tempo, traços de pessoa. Atente-se nos seguintes exemplos:

- (25) [A] Onde é que ele foi?  
 [B] a. A casa  
 (i.e. à sua casa)  
 b. Lá a casa  
 (i.e. à minha/nossa casa)

Os exemplos acima mostram que o locativo *lá* permite transmitir uma leitura de possessivo nulo de primeira pessoa, ou seja, que codifica traços de primeira pessoa. Finalmente, como referimos acima (cf. 24), o tempo de enunciação (UT-T<sup>8</sup>) desempenha um papel central na interpretação dos locativos.

Para fazer a conexão entre os advérbios locativos, o seu valor temporal e a operação de SMD, assumiremos a análise de Dermidache & Uribe-Etxebarria (2000). De acordo com estas autoras, o tempo de enunciação UT-T encontra-se codificado sintacticamente na posição de Spec,TP. Conforme foi proposto acima, Spec,TP é também o alvo do movimento dos deícticos locativos afectados por *scrambling* de média distância (de acordo com a análise de Dermidache e Uribe-Etxebarria (2000), Spec,TP pode projectar especificadores múltiplos). Sabendo-se que os deícticos locativos podem ancorar eventos a enunciados em línguas sem (expressão morfológica e sintáctica de) tempo, encontramos mais uma evidência para relacionar estes locativos com a categoria Tempo (em línguas como o português). Na ausência de T, as línguas podem usar a ancoragem espacial como estratégia alternativa (cf. Ritter e Wiltschko, 2005).

Tendo em conta estas observações, propomos então que só são afectados por SMD os locativos que têm uma relação particular com a categoria T, por serem deícticos ancorados no falante e na enunciação. O facto de propormos que SMD é movimento para Spec,TP e a assunção de que Spec,TP é também o *locus* sintáctico de UT-T explica a relação próxima entre SMD e os locativos afectados por esta operação.

Importa salientar que estas observações são apenas uma sugestão no sentido de encontrar as características que isolam os locativos deícticos por oposição às outras categorias que poderiam ser afectadas por SMD. Acreditamos estar no bom caminho, uma vez que não só conseguimos isolar as suas propriedades, como apresentamos uma proposta que tem em conta as características da construção de SMD e que possibilita relacionar as suas características estruturais com as propriedades semânticas dos constituintes afectados.

Finalmente, importa notar que o facto de os locativos como *lá* criarem um bloqueio ao *merger* morfológico entre  $\Sigma$  e V também nos permite avançar um pouco mais na compreensão da natureza destes locativos. A literatura sobre operações morfológicas deste tipo revela que advérbios que se adjungem a TP (Costa, 1998) não bloqueiam o *merger* morfológico entre  $\Sigma$  e V (Costa, 2003; Costa e Martins, 2003; 2004). O facto de os locativos serem um bloqueio a esta operação poderá ser tomado como evidência a favor da hipótese de que os deícticos locativos são nominais e não adverbiais, conforme proposto em van Riemsdijk (1978), Larson (1985) e den Dikken (2006).

---

<sup>8</sup> UT-T = Utterance Time.

## 7. Conclusões

Neste artigo, mostrámos que o português europeu contemporâneo exhibe *scrambling de média distância* restringido a certos constituintes locativos cuja especificidade parece ser a de integrarem traços de pessoa e de interagirem com T – o locus sintáctico do tempo da enunciação no sentido das propostas de Dermidache e Uribe-Etxebarria (2000).

A nossa proposta, que analisa o SMD do PE contemporâneo como movimento para Spec,TP e faz decorrer o seu bloqueamento da natureza do núcleo funcional permite derivar coerentemente os seguintes factos e correlações:

- (i) O constituinte movido por SMD é um XP obrigatoriamente adjacente ao verbo.
- (ii) SMD é permitido nos contextos em que a próclise é obrigatória (excepto nas frases negativas simples) e bloqueado nos contextos em que a ênclise é obrigatória.
- (iii) SMD é livre no interior de domínios oracionais funcionalmente defectivos, como as infinitivas de reestruturação. Neste tipo de estruturas, o constituinte movido por *scrambling* pode, alternativamente, ser extraído do domínio infinitivo, criando um efeito de ‘paralelismo’ entre SMD e *subida do clítico*.
- (iv) Spec,TP não é a posição canónica do sujeito em PE. Há que aprofundar a investigação relativamente às condições em que Spec,TP é ou não projectado no PE contemporâneo.

Os aspectos da gramática dos locativos do tipo de *lá* discutidos neste trabalho revelaram-se um outro domínio de aplicação da hipótese de Costa e Martins (2003) sobre a interface sintaxe-morfologia.

## Referências

- Alexiadou, Artemis e Elena Anagnostopoulou (1998) Parametrizing AGR: Word Order, V-movement and EPP-checking. *Natural Language and Linguistic Theory* 16, pp. 491-539.
- Baylin, John Frederick (2004) Generalized Inversion. *Natural Language and Linguistic Theory* 22, pp. 1-49.
- Cardinaletti, Anna (1997) Subjects and Clause Structure. In Liliane Haegeman (ed.) *The New Comparative Syntax*. London & New York: Longman, pp. 33-63.
- Cardinaletti, Anna (2004) Toward a Cartography of Subject Positions. In Luigi Rizzi (ed.) *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures Volume 2*. Oxford & New York: Oxford University Press, pp. 115-165.
- Castro, Ana e João Costa (2002) Possessivos e Advérbios: Formas Fracas como X<sup>0</sup>. In Clara Nunes Correia & Anabela Gonçalves (orgs.) *Actas do XIX Encontro Nacional*

- da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 101-111.
- Chomsky, N. (1994) Bare Phrase Structure. *MIT Occasional Papers in Linguistics*. Reprinted in G. Webelhuth (ed.) (1995) *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Oxford and Cambridge: Blackwell, pp. 383-439 .
- Chomsky, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass. & London: MIT Press.
- Costa, João (1998) *Word Order Variation. A Constraint-based Approach*. The Hague: Holland Academic Graphics.
- Costa, João (2003) Null vs Overt Spec,TP in European Portuguese. In J. Quer, J. Schrotten, M. Scorretti, P. Sleeman and E. Verheugd (eds.) *Romance Language and Linguistic Theory 2001: Selected Papers from 'Going Romance'* (Amsterdam, 6-8 December 2001). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 31-47.
- Costa, João (2004) A multifactorial approach to adverb placement: assumptions, facts, and problems. *Lingua* 114, pp. 711-753.
- Costa, João e A. M. Martins (2003) Clitic placement across grammar components. Comunicação apresentada ao *Going Romance 2003 (Seventeenth Conference on Romance Linguistics)*. Nijmegen.
- Costa, João e A. M. Martins (2004) What is a strong functional head?. Comunicação apresentada ao *Lisbon Workshop on Alternative Views on the Functional Domain*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Embick, David e Rolf Noyer (2001) Movement Operations after Syntax. *Linguistic Inquiry* 32, pp. 555-595.
- Grewendorf, Günther e Joachim Sabel (1999) Scrambling in German and Japanese: Adjunction vs. Multiple Specifiers. *Natural Language and Linguistic Theory* 17, pp. 1-65.
- Gonçalves, Anabela (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Laka, Itziar (1990) *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*. Ph.D. Dissertation, Massachusetts Institute of Technology.
- Martins, A. M. (1994) *Clíticos na História do Português*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Martins, A. M. (1995) A Minimalist Approach to Clitic Climbing. In A. Dainora, R. Hemphil, B. Luka, B. Need e Sh. Pargman (eds.) *Papers from the 31st Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Vol. 2: *Parasession on Clitics*. Chicago: Chicago Linguistic Society, pp. 215-233.
- Martins, A. M. (2000) A Minimalist Approach to Clitic Climbing. In João Costa (ed.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford & New York: Oxford University Press, pp. 169-190.
- Martins, A. M. (2002) The Loss of IP-scrambling in Portuguese: Clause structure, word order variation and change. In David Lightfoot (ed.) *Syntactic Effects of Morphological Change*. Oxford & New York: Oxford University Press, pp. 232-284.
- Martins, A. M. (2003) From unity to diversity in Romance syntax: A diachronic perspective of clitic placement in Portuguese and Spanish. In Kurt Braunmüller &

- Gisella Ferraresi (eds.) *Aspects of Multilingualism in European Language History*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 201-233.
- Martins, A. M. (2005) Clitic Placement, VP-ellipsis and scrambling in Romance. In M. Batllori, M.-Ll. Hernanz, C. Picallo & F. Roca (eds.) *Grammaticalization and Parametric Change*. Oxford & New York: Oxford University Press, pp. 175-193.
- Martins, A. M. (no prelo) A posição dos pronomes pessoais clíticos. In M. F. Bacelar do Nascimento, M. Antónia Mota, E. Paiva Raposo, L. Segura e M. C. Viana (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa: Gulbenkian.
- Matos, Gabriela (1999) Negative Concord and the Scope of Negation. *Catalan Working Papers in Linguistics* 7, pp. 175-190.
- Miyagawa, Shigeru (1997) Against optional scrambling. *Linguistic Inquiry* 28, pp. 1-26.
- Miyagawa, Shigeru (2001) The EPP, Scrambling, and Wh-in-situ. In Michael Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge/MA: MIT Press
- Reinhart, Tanya (1995) Interface strategies. *OTS Working Papers in Linguistics*. Utrecht
- Takano, Yuji (1998) Object Shift and Scrambling. *Natural Language and Linguistic Theory* 16, pp. 817-888.